

**ESTUDOS CULTURAIS CASA DA CURA:
Saberes dialogados a partir de mestras do Movimento dos Trabalhadores
Rurais Sem Terra e Universidades do norte de Minas**

Clara Sena Mata Oliveira¹
*Mestra em Desenvolvimento Social pelo Programa de Pós-
Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade
Estadual de Montes Claros*
clarasmoliveira@gmail.com

Ana Paula Glinfskoi Thé²
*Doutora em Ciências pelo Programa de Pós Graduação em
Ecologia e Recursos Naturais da UFSCAR*
Professora do Departamento de Biologia Geral
Professora do Programa em Desenvolvimento Social
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Introdução

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) organiza-se teoricamente e na prática na aspiração da Reforma Agrária Popular. O projeto de extensão "Casa da Cura: A partilha de saberes e práticas medicinais populares no cuidado da saúde humana e ambiental no norte de Minas Gerais" (FAPEMIG - APQ-03394-22) reconhece a importância do MST e define seus objetivos em diálogo com o movimento. Este trabalho analisa o Projeto de Extensão "Casa da Cura", destacando sua interação com o MST no norte de Minas Gerais. A metodologia inclui pesquisa participante, onde pesquisadores e integrantes do MST planejam e agem juntos, promovendo a troca de saberes para o incremento da saúde humana e ambiental nos acampamentos e assentamentos em Montes Claros, Bocaiúva e Olhos d'Água. O projeto também envolve pesquisa qualitativa, revisão bibliográfica e pesquisa etnoecológica sobre o uso de plantas medicinais pelas mestras e mestres de conhecimentos tradicionais do MST. Busca-se destacar aspectos comunitários revolucionários do movimento social e desenvolver práticas coletivas que contribuam para o bem-estar ambiental e humano dos envolvidos.

Fundamentação teórica

O Projeto de Extensão "Casa da Cura", promovido pela Universidade Estadual de Montes Claros em associação com a Universidade Federal de Minas Gerais e o Instituto Federal do Norte de Minas, e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), é uma proposta teórico-prática crítica. Seu intuito é promover diálogos interculturais entre saberes populares e tradicionais sobre plantas medicinais, envolvendo mestres e mestras trabalhadores(as) e a comunidade acadêmica. Essas mestras, em sua maioria do campo de conhecimento tradicional e popular, incluem benzedadeiras, raizeiras, artesãs, lavradoras e especialistas em plantas e medicinais populares. Elas são detentoras de uma memória ancestral viva, que se reproduz ao longo do tempo entre as gerações, registrando a história ambiental desses grupos.

A realização desse diálogo ocorre por meio das atividades em pesquisa-ação, planejadas e executadas entre pesquisadores, militantes e o coletivo de mulheres Flores do Pequi, mulheres participantes de acampamentos e assentamentos do Movimento Sem Terra no Norte de Minas, que se articulam há quase cinco anos para o desenvolvimento de atividades cooperativas de incremento da renda familiar e da saúde das famílias da agricultura familiar.

Os objetivos do projeto dialogam com uma posição política que compreende que as universidades e os conhecimentos científicos por elas produzidos historicamente reproduzem uma exclusão classista, eurocêntrica, racista e colonial dos saberes detidos por povos tradicionais. Assim, o Projeto “Casa da Cura” busca realizar transformações nos espaços acadêmicos, tornando-os multi e interdisciplinares. Isso se relaciona com a definição de Estudos Culturais na América Latina, re-fundados por Carvalho (2010), com base no Instituto de Estudos Culturais de Birmingham, no Reino Unido, em 1964. Estudos Culturais são caracterizados por não possuírem uma única teoria, disciplina, enfoque, método ou linguagem, nem apenas um lugar de origem, sendo nômades e com vínculos na autonomia intelectual e política dos grupos que os produzem (Carvalho, 2010).

A partir das propostas e constituições de movimentos populares, observa-se uma íntima relação de saberes e epistemologias. Os movimentos sociais apresentam práticas e teorias consolidadas conforme sua construção histórica, realizando um diálogo entre trabalho e educação, fundamental para a compreensão da realidade (Arroyo, 2003). As críticas sobre a realidade realizadas por essas organizações, como direito à moradia, à terra, à soberania alimentar, à saúde, entre outros, são críticas clássicas da condição humana que, conforme Arroyo (2003), ao serem retomadas e repostas pelos movimentos sociais, manifestam virtudes pedagógicas radicais e coletivas, as quais podem nomear uma Pedagogia dos Movimentos.

Arroyo propõe através dessa pedagogia uma visão de educação que valoriza a cultura popular, os saberes locais e as experiências dos movimentos sociais. Uma pedagogia que busca integrar as demandas e as lutas dos movimentos sociais ao processo educativo, promovendo a reflexão crítica, a participação democrática e a construção coletiva do conhecimento. Ela enfatiza a importância de considerar as realidades sociais, culturais e políticas dos estudantes em seus contextos específicos, buscando uma educação mais inclusiva, emancipatória e transformadora (Arroyo, 2003).

Além de Arroyo (2003), situam a proposta de diálogo intercultural deste projeto as ideias de educação de Carlos Rodrigues Brandão (1985), Orlando Fals-Boas (1981) e Paulo Freire (1970). Autores que compartilharam uma visão de educação centrada na libertação e na transformação social. A educação popular como processo de construção coletiva do conhecimento, integrando cultura e educação, os saberes locais e experiências dos movimentos sociais (Brandão 1985). Também, a importância da conscientização e da práxis, onde o diálogo e a problematização das realidades sociais são fundamentais para a emancipação dos indivíduos e a construção de uma sociedade mais justa (Freire, 1970). Uma educação onde a pesquisa-ação participativa é ferramenta para o empoderamento das comunidades, valorizando seus conhecimentos e promovendo a autogestão e a autonomia. Juntos, esses autores enfatizam uma educação crítica, democrática e comprometida com a transformação das estruturas sociais e a promoção da igualdade e da justiça.

Desenvolvimento do tema

O projeto começou suas atividades em 2023, estabelecendo parcerias com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) da região norte de Minas Gerais e o Coletivo de Mulheres Flores de Pequi. Uma vivência inicial foi realizada no Assentamento Agroextrativista Americana em Grão Mogol/MG, visando promover diálogos interculturais entre pesquisadores, a universidade e mestres de conhecimentos tradicionais. Um marco importante foi o Encontro de Saberes da Medicina Popular, realizado na Unimontes em dezembro de 2023. Esse evento reuniu representantes Quilombolas, de comunidades vazanteiras e pesqueiras do Médio São Francisco, do povo indígena Tuxá, além de assentados do MST. Esses encontros visam a troca de experiências e conhecimentos entre diversos grupos, enriquecendo o diálogo entre diferentes epistemologias e práticas de cura.

Uma das iniciativas práticas do projeto foi a criação de um horto de plantas medicinais no Pré-Assentamento Professor Mazzan em Bocaiúva/MG. Com mais de 50 espécies de plantas medicinais, o horto tem o objetivo de produzir mudas para atender a demanda dos assentamentos, escolas e quintais familiares. A gestão e manutenção do horto são realizadas coletivamente pelo MST, Flores de Pequi, estudantes e professores, tornando-se um espaço de produção, conhecimento, aprendizado e socialização.

Diversas oficinas foram realizadas, incluindo a identificação de plantas do cerrado e boas práticas de produção e beneficiamento de plantas medicinais. Mestres dos saberes populares aprenderam a utilizar chaves de identificação botânica e técnicas de produção de produtos medicinais e cosméticos. Essas atividades fortalecem a autonomia dos participantes e promovem a sustentabilidade.

Desde agosto de 2023, o projeto tem se concentrado na identificação, caracterização e levantamento de mestres e seus saberes, com visitas "in loco" a quintais e áreas produtivas. Além disso, foram realizadas atividades de formação técnica e aprimoramento de práticas relacionadas ao cultivo, manejo e comercialização de plantas medicinais.

Embora o "Casa da Cura" não tenha as ferramentas para realizar todas as transformações necessárias no modelo universitário, ele se aproxima dos princípios defendidos por Carvalho (2010). Isso inclui a promoção da interdisciplinaridade, inclusão étnica, ampliação de saberes multiepistêmicos e reestruturação de teorias e pedagogias. O projeto busca, assim, inovar nas práticas educativas e sociais, valorizando a diversidade de saberes e promovendo a justiça social e ambiental.

O Projeto de Extensão "Casa da Cura" exemplifica como iniciativas locais podem desafiar e complementar as epistemologias dominantes, integrando saberes científicos e populares. As atividades realizadas até o momento demonstram um compromisso com a sustentabilidade, a valorização de conhecimentos tradicionais e a promoção de diálogos interculturais. A continuidade dessas ações tem o potencial de gerar impactos significativos na formação de uma sociedade mais inclusiva e consciente de sua relação com a natureza.

Conclusões

As vivências nas atividades MST na práxis do projeto “Casa de Cura” revelam conexão entre teorias e metodologias frequentemente marginalizadas. Essas iniciativas mostram que a integração de ontologias e epistemologias pode ser ampliada no âmbito das Ciências Naturais, Humanas, Sociais e Educação, partindo principalmente do diálogo com autores e experiências do Brasil e da América Latina. A práxis dos Movimentos Sociais se revela como estratégia para conscientização e criticidade, atuando como ferramentas menos alienadas e mais revolucionárias. As cosmovisões do MST e das mestras camponesas contribuem para a formação da cultura humana, representando lógicas complexas que são negligenciadas pelo ambiente científico. Ao trabalhar juntos, Universidades e MST buscam realizar uma agenda política sólida que visa romper com a dominação gnosiológica capitalista e suas derivações em outras desigualdades. Essa parceria fortalece a valorização de conhecimentos tradicionais e populares, promovendo a interculturalidade e a sustentabilidade. A colaboração entre diferentes epistemologias é não apenas possível, mas essencial para enfrentar os desafios contemporâneos e construir um futuro mais equitativo e sustentável.

Referências bibliográficas:

Arroyo, Miguel G. "Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos movimentos sociais." **Currículo sem fronteiras** 3.1 (2003): 28-49.

CARVALHO, José Jorge de. "Los Estudios culturales en América Latina: Interculturalidad, acciones afirmativas y encuentro de saberes." **Tabula Rasa** [on-line], 12 (2010): 229-251. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39617422013>>. Acesso em 9 de jun. de 2024. Versão impressa ISSN: 1794-2489.

Borda, Orlando Fals. "Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular." **Pesquisa participante** 7 (1981): 59.

Brandão, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 1970.